
ROTEIRO INTERPRETATIVO DO MITO DE OSÍRIS

A COMUNICAÇÃO AUDIOVISUAL E MULTIMÉDIA COMO FERRAMENTA EDUCATIVA NO ENSINO DA DISCIPLINA DE HISTÓRIA

O presente trabalho constitui elemento de avaliação do Seminário *Reis e Deuses*. Seminário integrante do mestrado em História, especialização em Egptologia que é lecionado pela professora Maria Helena Trindade Lopes e pelo professor Ronaldo Gurgel Pereira.

Tendo em consideração a importância de abarcar as duas vertentes do seminário – reis e deuses - optou-se por explorar o mito de Osíris, segundo um tratamento inovador. Não só no que diz respeito ao suporte de comunicação, utilizando a animação como ferramenta educativa no ensino da disciplina de História, como no formato, criando um roteiro interpretativo e reflexivo ao invés da mera explanação do mito.

Neste sentido, o roteiro apresenta primeiramente I) uma reflexão sobre a importância da imagem e dos recursos audiovisuais para o desenvolvimento da Literacia Visual Histórica, II) exemplificação da aplicabilidade dos recursos audiovisuais na planificação de aulas de História III) e, por fim, o roteiro interpretativo do mito de Osíris.

I.

A importância da imagem

A Literacia Visual compreende a capacidade de observar, analisar e interpretar uma imagem. É um processo de aprimoramento consecutivo, tendo como objetivo a aquisição de valências essenciais para analisar e interpretar imagens e, a partir delas, construir um pensamento crítico.

O desenvolvimento destas competências está correlacionado com a importância que tem sido atribuída à imagem. Desde a década de 1970 que a UNESCO dá especial importância à linguagem visual, através do desenvolvimento da “educação para os media”¹. No entanto, a situação em Portugal é precária. Apesar do *Currículo Nacional do Ensino Básico* prever “a

¹ CALADO, Isabel (1994). *A Utilização Educativa das Imagens*. Porto: Porto Editora, p. 18

valorização de diferentes formas de conhecimento, comunicação e expressão”² só com a implementação do *Plano Tecnológico da Educação*, em 2007, é que se começou a utilizar recorrentemente a imagem nas aulas, embora tendo apenas um papel ilustrativo.

Imprescindibilidade do uso de recursos audiovisuais no desenvolvimento da Literacia Visual

O *Perfil dos Alunos*³, definido pelo Ministério da Educação, “aponta para uma educação escolar em que os alunos desta geração global constroem e sedimentam uma cultura científica e artística de base humanista”.⁴ Neste sentido procurou-se através deste trabalho, conjugar os princípios de **coerência, flexibilidade, adaptabilidade e ousadia**. Juntando-os aos valores de **curiosidade, reflexão e inovação** e deste modo suscitando as competências essenciais ao aluno que são destacadas neste documento.

Nessa lógica optou-se por uma abordagem interpretativa, suscitando o brainstorming essencial para o debate em aula, ao invés de um conteúdo expositivo, na medida em que este é da competência do professor. Escolhendo a animação como suporte do trabalho pretendeu-se que o aluno se deparasse com novos **textos e linguagens**. A linguagem audiovisual, raramente utilizada em contexto de aula, e o inglês, apelando à interdisciplinaridade. Com recurso aos conhecimentos prévios da temática e ao roteiro da animação o aluno é incitado a desenvolver a sua **sensibilidade estética e artística**. Paralelamente, compreende a aplicabilidade da animação, com recurso à análise de fontes, como **instrumento de saber científico, técnico e tecnológico** para o desenvolvimento de um **pensamento crítico e criativo**.⁵

² *Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais*. (2001). Lisboa: Ministério da Educação/Direcção - Geral da Educação (DGE), p.15

³ O *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, homologado pelo Despacho n.º 6478/2017, 26 de julho, afirma-se como referencial para as decisões a adotar por decisores e atores educativos ao nível dos estabelecimentos de educação e ensino e dos organismos responsáveis pelas políticas educativas, constituindo-se como matriz comum para todas as escolas e ofertas educativas no âmbito da escolaridade obrigatória, designadamente ao nível curricular, no planeamento, na realização e na avaliação interna e externa do ensino e da aprendizagem.

⁴ MARTINS, Guilherme d’Oliveira, GOMES, Carlos Alberto, et.al (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Lisboa: Ministério da Educação/Direcção - Geral da Educação (DGE), p.10.

⁵ *Ibidem*

II.

Atente-se à planificação de uma aula para a disciplina de História do 7º ano, da autoria de Cátia Luís, aluna do mestrado em *Ensino de História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário*.

Planificação de aula

Planificação de Aula HISTÓRIA 4ª aula sobre o tema 7.º ano 90 minutos	
TEMA: Das sociedades recoletoras às primeiras civilizações	SUBTEMA: Contributos das primeiras civilizações
Aulas anteriores: <ol style="list-style-type: none"> 1. Início do estudo das civilizações dos grandes rios. O Egito Antigo: as condições naturais e as atividades económicas 2. O Egito Antigo: as condições naturais e as atividades económicas 3. O poder do faraó e a sociedade do Antigo Egito 	
SUMÁRIO: O universo religioso do Antigo Egito. O processo de mumificação. A cultura e os saberes.	
OBJETIVO(S): Conhecer e analisar a importância das vivências religiosas, culturais e científicas no Antigo Egito, estabelecendo relações intra e interdisciplinares	

Situação-problema	<i>“Os egípcios «eram, estavam e sentiam» religiosamente e esta forma particular de ser determinou (...) as atitudes, as práticas, os sentimentos e as representações”.</i> LOPES, Maria Helena Trindade. (2003). <i>O Egito Faraónico – Guia de Estudo</i> . Lisboa: Ed. Associação Portuguesa de Egiptologia, p. 60.			
Descritores de Aprendizagem	Metodologia	Recursos	Aval.	Tempo
Referir a afirmação de religiões politeístas, salientando a relação dos deuses com as forças da Natureza. Relembrar que o conhecimento histórico se constrói com informação fornecida por diversos tipos de fontes: materiais, escritas e orais. Caraterizar sucintamente as expressões artísticas de uma das civilizações dos grandes rios.	Registo do sumário.	-	-	-
	Brainstorming sobre a situação-problema.	-	Partic. Oral'	10 min
	Visualização de um PowerPoint sobre a religião no Antigo Egito. Breve exposição sobre as suas características. Definição do conceito de <i>politeísmo</i> .	PowerPoint	<i>Idem</i>	10 min
	Visualização de um vídeo de consolidação sobre o mito de Osíris - mito fundador da civilização egípcia. Síntese pelo professor. Entrega de roteiro interpretativo para acompanhamento do vídeo. Definição dos conceitos: <i>ideologia real, cosmogonia, e ritual funerário</i>	Vídeo	<i>Idem</i>	15 min
	Particularização de conteúdos explorados no vídeo: <ol style="list-style-type: none"> 1. Análise de uma iconografia do <i>Livro dos Mortos</i>. Explicação dos distintos momentos do Julgamento de Osíris. 	PowerPoint <i>Desafios</i>	<i>Idem</i>	15 min

<p>Relacionar ritos mágicos/funerários com manifestações artísticas</p> <p>Destacar contributos dessas civilizações para a civilização ocidental, identificando a permanência de alguns deles na atualidade.</p>	<p>2. Análise das imagens do documento 18 da pág. 41 do manual monumentos funerários para reflexão do ritual de mumificação.</p> <p>3. Visualização de um vídeo sobre o quotidiano de uma médica no Antigo Egito, como introdução ao estudo dos saberes https://www.youtube.com/watch?v=2rvLEJrQm7g). Síntese.</p> <p>Realização de exercícios dos <i>desafios da História</i> (preenchimento de espaços 12, 13, 14).</p>	<p>Manual</p> <p>Vídeo</p> <p><i>Desafios</i></p>	<p><i>Idem</i></p> <p><i>Idem</i></p> <p><i>Idem</i></p>	<p>10 min</p> <p>10 min</p> <p>10 min</p>
<p>Bibliografia</p>	<p>ASSMAN, Jan. (2002). <i>The Mind of Egypt: History and Meaning in the Time of the Pharaohs</i>. New York: Metropolitan Books</p> <p>DONADONI, Sérgio. (1994). <i>O Homem Egípcio</i>. Lisboa: Ed. Presença</p> <p>LOPES, Maria Helena Trindade. (2003). <i>O Egito Faraónico – Guia de Estudo</i>. Lisboa: Ed. Associação Portuguesa de Egiptologia</p> <p>NETO, Helena, NETO, Jorge, SANTOS, Luís Abrantes, SANTOS, Luís Aguiar. (2017). <i>História 7.º ano – Projeto Desafios</i>. Carnaxide: Santillana</p> <p>QUIRKE, Stephen. (2010). <i>Who Were the Pharaohs?</i>. London: British Museum Press., 2010</p> <p>SALES, José das Candeias. (1999). <i>As Divindades Egípcias: uma chave para a compreensão do Egito Antigo</i>. Lisboa: Editorial Estampa</p>			
<p>Competências presentes nas Aprendizagens Essenciais do 7.º ano de História</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Compreender a necessidade das fontes históricas para a produção do conhecimento histórico; (A; B; C; D; F; I) – Utilizar adequadamente fontes históricas de tipologia diversa, recolhendo e tratando a informação para a abordagem da realidade social numa perspetiva crítica; (A; B; C; D; F; H; I) – Promover uma abordagem da História baseada em critérios éticos e estéticos; (A; B; C; D; E; F; G; H; I; J) – Promover o respeito pela diferença, reconhecendo e valorizando a diversidade: étnica, ideológica, cultural, sexual; (A; B; C; D; E; F; G; H; I) 			

Após a análise desta planificação é possível compreender como a animação do mito de Osíris permite a consolidação de conceções políticas, sociais, económicas e religiosas basilares da civilização egípcia. Neste sentido torna-se uma ferramenta imprescindível como síntese do tema *Das sociedades recoletoras às primeiras civilizações* e do subtema *Contributos das primeiras civilizações*.

III.

Contextualização Histórica | Historical Context

O mito de Osíris remonta ao 2 milênio a.C. É referido em vários textos egípcios, presentes em diversas tipologias de fontes, nomeadamente nos *Textos das Pirâmides*⁶, nos *Coffin Texts* do Reino Médio, no *Livro dos Mortos* do Reino Novo, no *Dramatic Ramesseum Papyrus* e na *Ikhnofret Stela*.⁷ Foi também descrito por gregos e romanos, como Heródoto, em *Histories*, por Diodorus Siculus, na *Bibliotheca Historica*, e por Plutarco, em *De Iside et Osiride*.⁸ Esta proliferação de fontes implica a existência de várias versões do mito. Atentemos às versões de Diodorus e Plutarco.

O Mito de Osíris de acordo com Diodorus e Plutarco

Segundo Diodorus e Plutarco, Osíris, o "grande deus", filho do deus terra Geb e da deusa céu Nut, governava o Egito com a sua irmã-consorte, Ísis.⁹ Após regressar de viagem o seu irmão Seth e seus apoiantes conspiraram contra ele. Secretamente Seth constrói uma arca ornamentada com jóias do exato tamanho de Osíris. Nas festividades do seu regresso Seth anuncia que ofertaria a mesma a quem encaixasse dentro desta. Após todos os convidados se revezarem tentando encaixar-se, sem sucesso, Osíris toma a vez e encaixa perfeitamente. Aproveitando o momento, os conspiradores de Seth selam Osíris dentro da arca e atiram-na ao Nilo.

Sabendo dos eventos macabros, Ísis parte em procura da arca. Após alguma investigação fica a saber que esta dera à costa em Biblos, fazendo crescer uma grande árvore à sua volta. Todavia, antes que pudesse recuperá-la o rei de Biblos faz da árvore um pilar para sustentar o teto de seu palácio. Apesar de Ísis conseguir trazer a arca para o Egito, Seth encontra o corpo de Osíris e corta-o em catorze pedaços espalhando-os pelo território. Após conseguir reunir os pedaços, exceto o falo, Ísis consegue, através da magia, ressuscitar Osíris e criar Hórus. Posteriormente Anúbis realiza o processo de mumificação e as cerimónias fúnebres.

Estando Osíris confinado ao mundo dos mortos, a Duat, Seth sobe ao trono iniciando-se um período de uma ameaça constante à ordem cósmica. Hórus, ao exigir a coroa a Seth, abre uma disputa que vai durar 80 anos. Hórus castra Seth roubando-lhe a possibilidade de descendência e Seth rouba a Hórus o seu olho esquerdo, lunar, símbolo da fecundidade. Toth

⁶ GRIFFITHS, J. Gwyn. (1960). *The Conflict of Horus and Seth*. Liverpool: Liverpool University Press, pp.1, 4-7

⁷ PINCH, Geraldine. (2004). *Egyptian Mythology: A Guide to the Gods, Goddesses, and Traditions of Ancient Egypt*. USA: Oxford University Press, p.15

⁸ TOBIN, Vincent Arieh. (1989). *Theological Principles of Egyptian Religion*. Switzerland: Peter Lang, p.22

⁹ Pinch, Geraldine. (2002). *Handbook of Egyptian Mythology*. California: ABC-CLIO Inc., p.178

intervém, faz restabelecer o olho a Hórus, que protege Osíris para a eternidade, e com os restantes deuses coroa Hórus rei do Egito.¹⁰

Linhas interpretativas | Main Topic Analysis

A proliferação de versões do mito de Osíris revela a importância do texto como elemento de consolidação de concepções basilares da civilização egípcia que são transversais e universais aos vários corpos que a compõem. O mito recua aos princípios dos tempos surgindo a) como **arquétipo do modelo real** por ser o paradigma da **ideologia real/faraónica**, b) como exemplo da presença constante do **binómio da criação - caos e ordem** -, c) como símbolo da renovação da vida, da natureza e consequentemente da **regeneração cósmica**, d) e como modelo do **ritual funerário**. Estas são as quatro linhas interpretativas exploradas no roteiro.

a) Ideologia Real/Faraónica | Pharaonic Ideology [Programa de Acção]

Osíris como arquétipo do poder real e dos valores civilizacionais

Osíris encarna o mítico rei-deus egípcio. Neste sentido surge como o arquétipo do modelo real, paradigma do programa de ação do faraó - manutenção da ordem cósmica, governo do país, exercício da justiça, responsável pelo culto, construtor e combatente – e por isso modelo político para as gerações futuras. Paralelamente encarna um ideal de valores, modelos e normas vivenciais para a restante população. Osíris apresenta-se como o responsável pela união e consequentemente pela paz e prosperidade. União cósmica, visto ser fruto da união entre Geb (deus terra) e Nut (deusa céu), e terrena, conseguindo a união entre o norte mediterrânico e o Sul africano. Princípios fundamentais para a manutenção da paz, para a prosperidade económica e para o desenvolvimento político e cultural do Egito.¹¹

b) Binómio de Criação (Caos vs Ordem) | Binomial of Creation (Chaos vs Order)

Osíris, personifica a ordem, Seth encarna o caos

Enquanto Osíris personifica a paz, unidade e ordem, Seth, representando os muitos filhos que querem chegar ao trono, encarna o elemento de discórdia, oposição e resistência à orientação divina e cósmica. Neste sentido o confronto entre Seth e Osíris, dá sentido a todos os momentos de crise (social, económica, política e cultural), identificando-os como consequência de atitudes de oposição à ordem divina estabelecida.¹² Por sua vez o confronto entre Hórus e Seth identifica-se como momento crucial para o restabelecimento da ordem divina.

¹⁰ SHAW, Garry J. (2014). *The Egyptian Myths. A Guide to the ancient Gods and Legends*. London: Thames & Hudson, p.59

¹¹ LOPES, Maria Helena Trindade. (1990). *Estudos de egiptologia*. Lisboa: Edições Cosmos, pp.118 - 127

¹² *Idem*, p.42

c) Regeneração Cósmica | Cosmic Regeneration

A morte, etapa da vida, como parte do ciclo da natureza, expressão do poder regenerador do cosmos

A viagem de Osíris no sarcófago pelas águas do Nilo identifica-as com o leito de morte mas também de vida sendo que são sinal da regeneração pela dissolução e renascimento. Esta conceção ideológica vai conferir grande importância a dois momentos. Por um lado, as inundações do Nilo, que traduzem o efeito fertilizador da água concedido por Osíris quando este se funde com elas conferindo-lhes força ativa, divina e criadora. Por outro lado, os momentos rituais, que manifestam o efeito purificador e revigorante da água que, tal como permitiu o renascimento de Osíris permite o fortalecimento do poder do faraó.

Paralelamente, a transformação de Osíris numa árvore e posteriormente no pilar Djed é expressão do poder regenerativo deste deus. Este momento explicita como o ciclo da natureza (nascimento, crescimento, morte e renascimento) determina o ciclo da vida humana e consequentemente o ciclo cósmico, traduzindo a sua capacidade de renovação periódica e cíclica deste através do binómio caos-ordem.

Arquétipo do Ritual Funerário | Funerary Ritual Archetype

O ritual funerário de Osíris molda a dinâmica life – afterlife

A viagem de Osíris vai determinar o modelo de ritual funerário - a viagem do sarcófago e barca solar pelo Nilo até ao túmulo, as fórmulas mágicas utilizadas por Ísis para reanimar Osíris e criar Hórus e os rituais mágicos inerentes à mumificação. Um programa de “morte” que se torna modelo para os futuros reis–mortos atingirem a salvação osíriaca, a passagem à eternidade, a conquista do reino dos ocidentais.¹³

d) Arquético do Modelo Faraónico | Pharaonic Model Archetype

Osíris, paradigma do rei dos mortos, Hórus, paradigma do rei dos vivos

A criação de Hórus permite assegurar a descendência de Osíris. Por sua vez a luta pela sucessão entre Hórus e Seth, paradigma da luta entre o caos e a ordem, simboliza o restabelecimento da ordem cósmica. A vingança consumada ressuscita Osíris e confirma o novo

¹³ LOPES, Maria Helena Trindade. (2003). *O Egipto Faraónico – Guia de Estudo*. Lisboa: Ed. Associação Portuguesa de Egiptologia, pp.76 - 79

faraó Hórus. A passagem do olho entre estes estabelece o princípio de sucessão de pai para filho e da obrigação deste para com o primeiro. Osíris torna-se rei dos mortos e Hórus rei dos vivos.¹⁴

Mito de Osíris – Conclusões | Osiris Myth – Conclusions

1. **Ideologia faraónica** - Osíris é arquétipo do modelo real (programa de acção)
2. **Binómio da criação** - Osíris e Seth protagonizam a tensão constante entre a ordem e o caos
3. **Regeneração cósmica** - Osíris identifica o ciclo da natureza com o ciclo da vida e do cosmos numa lógica de renegeração cíclica.
4. **Ritual funerário** – Associado à morte de Osíris e ao nascimento de Hórus molda a dinâmica *life e afterlife*.

Em suma, a realeza faraónica é constituída como instituição divina e sagrada que remete aos “primeiros tempos” envolvendo duas gerações, uma promete a eternidade (Osíris) e outra a herança demiurgica (Hórus).

¹⁴ LOPES, Maria Helena Trindade. (1990). *Estudos de egiptologia*. Lisboa: Edições Cosmos, pp.107 -118

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES

Ideologia Real/Faraónica | Pharaonic Ideology [Programa de Acção]

Book of the Dead of Hunufer – British Museum

Book of the Dead of Neqbed – Louvre Museum

Statue of Senusret I – Egyptian Museum, Cairo

Tomb of Djehutihopte – Deir El-Bersha

Tomb of Nakht – Thebes (Luxor)

Binómio de Criação (Caos vs Ordem) | Binomial of Creation (Chaos vs Order);

Arquétipo do Modelo Faraónico | Pharaonic Model Archetype

Tomb of Sennedjem - Deir el-Medina

Tomb of Queen Nefertari – Thebes (Luxor)

Stele of Senusret I – Museu Nacional do Brasil

Regeneração Cósmica | Cosmic Regeneration

Pillar Djed - Temple of Abydos - Abydos

Sarcophagus of Butehamun - Egyptian Museum, Cairo

Arquétipo do Ritual Funerário | Funerary Ritual Archetype

Temple of Dendera - Line drawings of reliefs of Isida Project – Research Society on Ancient Artifacts

Temple of Hibis - Line drawing of reliefs of Metropolitan Museum of Art

Temple of Isis - Philae

Temple of Seti I - Thebes (Luxor)

BIBLIOGRAFIA

Ensino

CALADO, Isabel (1994). *A Utilização Educativa das Imagens*. Porto: Porto Editora

Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais. (2001). Lisboa: Ministério da Educação/Direcção - Geral da Educação (DGE)

MARTINS, Guilherme d'Oliveira, GOMES, Carlos Alberto, et.al (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Lisboa: Ministério da Educação/Direcção - Geral da Educação (DGE)

Egipto Antigo

Ideologia Real

SALES, José das Candeias. (2007). *Estudos de Egiptologia – Temáticas e Problemáticas*. Lisboa: Livros Horizonte

SALES, José das Candeias. (1997). *A ideologia real académica e egípcia: representações do poder político pré-clássico*. Lisboa: Editorial Estampa

LOPES, Maria Helena Trindade. (2005). *O Egipto Faraónico: guia de estudo*. Lisboa: Associação Portuguesa de Egiptologia

LOPES, Maria Helena Trindade. (1990). *Estudos de egiptologia*. Lisboa: Edições Cosmos

Mitologia

ARMOUR, Robert A. (2001). *Gods and Myths of Ancient Egypt*. Cairo: The American University in Cairo Press

BUDGE, E. A. Wallis (1911). *Osiris and the Egyptian resurrection*. London: P. L. Warner; New York: G. P. Putnam's sons

COOKE, Harold P. (1989). *Osiris: a study in myths, mysteries and religion*. Chicago: Ares

GRIFFITHS, J. Gwyn (1960). *The Conflict of Horus and Seth*. Liverpool: Liverpool University Press

HARE, Tom. (1999). *Remembering Osiris: Number, Gender, and the Word in Ancient Egyptian Representational Systems*. Stanford: Stanford University Press

HART, George. (2005). *The Routledge dictionary of Egyptian gods and goddesses*. London: Routledge

MOJSOV, Bojana. (2005). *OSIRIS: Death and Afterlife of a God*. S.l.: Blackwell Publishing

O'CONNOR, David. (2009). *Abydos. Egypt's First Pharaohs and the Cult of Osiris*. London: Thames & Hudson

PINCH, Geraldine. (2004). *Egyptian Myth. A Very Short Introduction*. USA: Oxford University Press

PINCH, Geraldine. (2004). *Egyptian Mythology: A Guide to the Gods, Goddesses, and Traditions of Ancient Egypt*. USA: Oxford University Press

- PINCH, Geraldine. (2002). *Handbook of Egyptian Mythology*. California: ABC-CLIO, Inc.
- RAY, John. (2002). *Reflections of Osiris Lives from Ancient Egypt*. USA: Oxford University Press
- REMLER, Pat. (2010). *Egyptian mythology A to Z*. New York: Chelsea House
- SHAW, Garry J. (2014). *The Egyptian Myths. A Guide to the ancient Gods and Legends*. London: Thames & Hudson
- SHAFER, Byron E., LESKO, Leonard H., SILVERMAN, David P. (1991). *Religion in Ancient Egypt. Gods, Myths, and Personal Practice*. London: Cornell University Press
- TOBIN, Vincent Arieh. (1989). *Theological Principles of Egyptian Religion*. Switzerland: Peter Lang
- WATTERSON, Barbara. (1984). *The gods of Ancient Egypt*. London: B. T. Batsford Ltd
- WILKINSON, Richard H. (2003). *The complete gods and goddesses of Ancient Egypt*. London: Thames & Hudson